

Bancos discutem ajuda aos endividados

Jornal de Brasília

Executivos do Sistema Bancário Privado Internacional reuniram-se ontem a portas fechadas para analisar o plano dos Estados Unidos destinado a aliviar a crise que atinge os países mais endividados, principalmente da América Latina.

O presidente Ronald Reagan esperava conseguir um consenso favorável a iniciativa do secretário do tesouro James Baker, mas a oposição ao programa poderia retardar ou talvez impedir o apoio que procuram os Estados Unidos, revelaram fontes financeiras.

O plano de Washington propõe que o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento aumentem seus empréstimos de seis a nove bilhões de dólares, que os países endividados estimulem seu crescimento e que os bancos privados concedam vinte bilhões de dólares em novos empréstimos nos próximos três anos aos quinze países mais endividados do mundo.

Desses países, dez são da América Latina: Argentina, México, Brasil, Venezuela, Uruguai, Chile, Equador, Colômbia, Peru e Bolívia. A dívida total da região ascende a mais de 360 bilhões de dólares.

Os outros cinco países são a Iugoslávia, Filipinas, Nigéria, Costa do Marfim e Marrocos.

A reunião, no Instituto de Finanças Internacionais de Washington, é a primeira destinada a examinar formalmente o programa anunciado por James

Baker há três semanas em Seul quando da Assembléia conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional.

Os banqueiros promoveram o encontro para avaliar a proposta de Seul, disse Andre de Lattre, ex-vice-governador do Banco da França e diretor do Instituto, criado por bancos de todo o mundo para trocar informações sobre dívidas externas.

Lattre afirmou que na reunião estavam representados 60 bancos, 25 dos quais dos Estados Unidos. O Instituto representa quase 200 dos maiores bancos de 38 países.

Alguns banqueiros europeus destacaram duvidar da premissa de pedir aos bancos que "aumentem os empréstimos para pagar empréstimos".

Baker disse no Congresso, na semana passada, que os bancos dos Estados Unidos reagiram positivamente ao plano.

O diretor da comissão de reestruturação da dívida do Citybank, William Rhodes, classificou o programa de "altamente positivo" e predisse que se todas as partes interessadas fizerem sua parte, "creio que a comunidade bancária comercial responderá de forma positiva".

Por outro lado, em uma reunião da Associação de Bancos dos Estados Unidos em Nova Orleans, na semana passada, numerosos pequenos bancos proporcionaram uma fria recepção ao plano Baker.